

***BALAOU E É NA TERRA NÃO É NA LUA: O MAR COMO ELEMENTO  
CENTRAL NA OBRA DE GONÇALO TOCHA***

**Bárbara Abrantes \***

*Balaou* (Portugal, 2007, 77', Cor, 16:9)

Realização, Fotografia, Montagem, Produção: Gonçalo Tocha  
Som: Dídio Pestana, Gonçalo Tocha  
Pós Produção Vídeo: Catherine Villeret  
Mistura de Som: André Neto  
Grafismo, Animação: Sérgio Bernardo  
Tradução: Isabel Gentil, Mariana Vieira, Sérgio Rafael, Susana Oliveira  
Revisão: François Delayre  
Assistência Divulgação: Joana Morgado  
Participação: Florence Beaufrère, Hubert Gidon, Maria do Rosário Filipe  
Gouveia, Maria Ilda Cardoso

*É na terra não é na lua*, (Portugal, 2011, 185', Cor, 4:3)

Realização, Fotografia, Escrita, Voz: Gonçalo Tocha  
Som, Banda Sonora, Voz: Dídio Pestana  
Montagem: Catherine Villeret, Gonçalo Tocha, Rui Ribeiro  
Pós Produção Vídeo: Sérgio Aragão  
Mistura de Som: André Neto  
Colorista: Ignacio Ribera  
Assistência Guião: Rui Guilherme Lopes, Rui Ribeiro  
Tradução: Delphine Servoz-Gavin, João Dias, Mariana Vieira, Nuno  
Marques, Sophie Bárbara

---

\* Licenciatura em Relações Internacionais pela Universidade Lusíada de Lisboa. Pós Graduação em Relações Internacionais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Frequenta o Curso Higher National Diploma in Creative Media Production, área de Cinema e Televisão, da Escola de Tecnologias, Inovação e Criação. 1200-151 Lisboa, Portugal.  
E-mail: barbara.miranda.abrantes@gmail.com

## Introdução

Este artigo resulta da análise sobre o elemento mar enquanto constituinte central nos filmes *Balaou* (2007) e *É na terra não é na lua* (2011) de Gonçalo Tocha. Duas longas-metragens que pertencem ao género documentário, o qual possibilita, segundo Manuela Penafria, “oferecer uma reflexão aprofundada sobre determinado tema, (pois) o documentário desencadeia um envolvimento crítico sobre esse mesmo tema e contribui, enquanto espaço de formas e conteúdos inesgotáveis, para uma melhor compreensão do mundo em que vivemos.” ((1999: 4).

A análise aqui apresentada pretende refletir a valorização crescente do documentário no panorama cinematográfico português e na respetiva comunidade científica. Um dos outros motivos na origem da temática escolhida para este estudo é o facto de o mar estar ligado à memória e à identidade portuguesas, características estruturais e definidoras da filmografia do autor, a qual pode ser considerada um veículo de divulgação da cultura açoriana. Exemplo disto é o aumento da procura do gorro corvino após ter sido utilizado enquanto imagem de marca promocional do seu filme sobre a ilha do Corvo.

Como metodologia de investigação procedeu-se ao visionamento das referidas obras através da aplicação de uma grelha de análise técnica e de conteúdo, seguida de uma análise e interpretação fílmicas, com vista à realização de um estudo comparativo dos dois documentários. A grelha de análise é composta por uma parte técnica, relativa à imagem e ao som das cenas de mar, e uma parte de conteúdo, referente à mensagem do autor sobre os seus filmes.

***Balaou e É na terra não é na lua, os documentários***

*Balaou* foi filmado no verão de 2005, sete meses após a morte de Blé, mãe de Gonçalo Tocha. É a viagem à terra da família materna, a ilha de São Miguel, nos Açores, onde reencontra a tia-avó Maria do Rosário (Filipe Gouveia) e a prima Ilda (Maria Ilda Cardoso), para conseguir fazer o luto da perda. É também aqui que conhece Florence (Beaufrère) e Beru (Hubert Gidon), um casal francês que o convida a cruzar o oceano Atlântico no seu barco à vela, o *Balaou*, no regresso a Lisboa. Reportando-se à sua primeira longa-metragem, Gonçalo Tocha (2007) escreve que “é um caminho lento para me libertar das coisas, pouco a pouco, do seu uso, do que já não me é permitido ver, do que fica para trás. A liberdade é o desapego.” Este documentário, produzido com reduzidos meios técnicos, angariados pelo próprio realizador, único elemento participante, encontra-se dividido em três momentos e oito lições. Tal como em *É na terra não é na lua*, “o registo in loco, o ponto de vista e a criatividade do documentarista são os princípios que constituem a unidade do filme documentário” (Penafria, 1998: 2), os quais afirmam e sustentam a obra de Gonçalo Tocha. Considerado pela revista *Variety* um dos melhores vinte filmes não estreados nos Estados Unidos da América, *Balaou* recebeu os prémios de Melhor Filme Português e de Melhor Fotografia, atribuídos pelo *Indie Lisboa, Festival Internacional de Cinema Independente*, em 2007.

*É na terra não é na lua* foi filmado no Corvo, a ilha mais pequena do Arquipélago dos Açores, entre 2007 e 2008. Diário de bordo de um navio, organizado em catorze capítulos, forma um “arquivo contemporâneo em movimento”, como refere o realizador, pois rareiam registos escritos desta vila e população com cerca de 450 pessoas. Documentário etnográfico e histórico cumpre «(...) a função de “documentar” a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo de modos diversos.» (*Idem*: 1). Um operador de

câmara (Gonçalo Tocha) e um técnico de som (Dídio Pestana) acompanham a vida quotidiana destes habitantes, isolados em pleno oceano Atlântico.

Vamos filmar tudo o que conseguirmos. Vamos tentar estar em todos os sítios ao mesmo tempo e não perder nada. Vamos tentar conhecer toda a gente. Filmar todas as caras. Filmar todos os serviços, todas as casas, todas as ruas, todos os trabalhos e cantos da ilha. Todas as árvores, todos os campos, todas as vacas, todos os porcos, todas as rochas, todos os pássaros. Toda a música, toda a noite...  
(Narração de Gonçalo Tocha e Dídio Pestana no início do filme.)

Em entrevista à revista *Rua de Baixo*, o autor (2012) declara que “filmar o Corvo foi a grande experiência social e talvez civilizacional.” *É na terra não é na lua* ganhou o Grande Prémio Cidade de Lisboa na Competição Internacional do *IX Festival Internacional de Cinema, DOCLISBOA* 2011. E notoriedade além-fronteiras: a Menção Especial da Secção Cineastas do Presente do *64.º Festival de Locarno* (2011), o Melhor Documentário de Criação do *IX Festival Internacional de Documentales de Madrid, DOCUMENTA MADRID* 12, o Melhor Filme “Cine del Futuro” do *Festival de Cinema Independente de Buenos Aires, BAFICI* (2012) e o Prémio “Golden Gate” para Melhor Documentário, do *San Francisco International Film Festival* (2012).

## **Metodologia**

Este artigo provém de uma investigação cujo objetivo era estudar o mar enquanto elemento central na obra de Gonçalo Tocha. Para o efeito, recorreu-se a pesquisas bibliográficas em arquivos e na Internet para sustentar e contextualizar teoricamente o nosso trabalho. Foram consultadas diferentes obras e usados motores de pesquisa científicos (Google Académico e Scielo) e *sites* de referência em português como a Biblioteca

On-line de Ciências da Comunicação, o Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, a Biblioteca do Conhecimento Online e o Repositório da Universidade Nova, que nos facultaram documentos para aprofundar o tema em questão.

No artigo “Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)”, Manuela Penafria revela que “analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme.” (2009: 1). Deste modo, e por não existir uma metodologia universalmente aceite de análise fílmica, foi-nos possível adaptar vários modelos existentes à particularidade deste caso e construir, com base na ligação e na relação de componentes técnicas e de conteúdo, uma grelha de análise especificamente direcionada para o objeto da investigação, assim como limitar e salvaguardar a subjetividade inerente ao nosso estudo através da obtenção de resultados objetivos gerados pela mesma. Segundo Jacques Aumont e Michel Marie (2009):

Cada analista deve habituar-se à ideia de que precisará mais ou menos de construir o seu próprio modelo de análise, unicamente válido para o filme ou o fragmento do filme que analisa; mas, ao mesmo tempo, esse modelo será sempre, tendencialmente, um possível esboço de modelo geral, ou de teoria. (p.15)

Para tal, e depois de adquirirmos comercialmente os documentários de Gonçalo Tocha, procedeu-se ao visionamento de *Balaou e É na terra não é na lua*, durante o qual se aplicou a referida grelha de análise fílmica. A partir do modelo de análise interna, optámos por dois tipos de análise, a análise da imagem e do som porque este tipo de análise “(...) entende o filme como um meio de expressão (e) pode ser designado como especificamente cinematográfico, pois centra-se no espaço fílmico e recorre a conceitos cinematográficos, por exemplo, verificar o uso do grande plano por diferentes realizadores.” (Penafria, 2009: 7), e a análise de conteúdo. Portanto, fazer a decomposição de dois filmes implicou dividi-los consoante

as componentes técnica e conteúdo, plano a plano, e por partes, com base no critério definido, e que foi o de analisar as cenas de mar em *Balaou* e *É na terra não é na lua*. Uma outra razão de escolha desta metodologia justificase pela vontade de querermos conhecer “o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema nos permite pensar e lançar novos olhares sobre o mundo.” (*Idem, Ibidem*).

A grelha de análise técnica e de conteúdo é composta por duas partes. Na parte técnica, encontram-se as componentes género, planos, ângulos, movimentos de câmara, iluminação e som, das cenas de mar, que determinam os critérios de análise relativos aos aspetos imagéticos e sonoros dos documentários. Na parte de conteúdo, as componentes espaço e tempo, elementos visuais e sonoros das cenas de mar, intervenientes, e tema e narrativa, contemplam os critérios de análise referentes à mensagem do realizador sobre os seus dois filmes. Logo, a visualização fílmica implicou separar, verificar e examinar, pormenorizadamente, estes aspetos estruturais de *Balaou* e *É na terra não é na lua*, com o intuito de investigar as singularidades próprias da obra individual do autor, por forma a identificar o respetivo estilo.

Após cumprido o processo de decomposição dos filmes, através da aplicação da grelha de análise fílmica, tornou-se necessário concluir a etapa seguinte: “estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar.” (*Idem: 1*). No referido artigo, Manuela Penafria (2009) distingue cinco itens possíveis para a análise interna de um filme, a saber: “Informações”, “Dinâmica da narrativa”, “Pontos de vistas”, “Cena principal do filme” e “Conclusões”. Escolhemos o segundo e o terceiro itens por serem em nossa opinião os que melhor servem e refletem o género documentário em que se inclui a obra de Gonçalo Tocha. Existem três sentidos de “Pontos de vistas”. O “sentido visual e sonoro”, o “sentido narrativo” e o “sentido ideológico”. Entendemos que a nossa grelha de análise deveria comportar o primeiro e o terceiro sentidos, pois

correspondem aos critérios técnicos e de conteúdo aplicados à investigação e ao objeto da análise e interpretação fílmicas com vista à realização de um estudo comparativo dos dois filmes. De acordo com Manuela Penafria (2009),

A análise é uma actividade que perscruta um filme ao detalhe e tem como função maior aproximar ou distanciar os filmes uns dos outros, (pois) oferece-nos a possibilidade de caracterizarmos um filme na sua especificidade ou naquilo que o aproxima, por exemplo, de um determinado género. (p.5)

Os documentários foram analisados separadamente e articulou-se o resultado das investigações, através das diferenças e das semelhanças entre filmes, por forma a relacionar a informação obtida e alcançar conclusões. Resolvemos inserir na grelha de análise fílmica uma quarta coluna – “Observações” – para registo, auxílio e suplemento de dados relativos aos dois documentários. Tomámos a decisão de cingir o nosso estudo às cenas de mar existentes em *Balaou e É na terra não é na lua* para não alongar nem desfocar a matéria e o motivo aos quais nos propusemos. Como afirmam Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (2008), “a conceptualização é uma construção abstracta que visa dar conta do real. Para este efeito, não retém todos os aspectos da realidade em questão, mas somente aquilo que exprime o essencial dessa realidade, do ponto de vista do investigador.” (p.150).

### **Apresentação e discussão de resultados**

Uma análise geral aos resultados obtidos nesta investigação demonstra que Gonçalo Tocha utiliza métodos e técnicas semelhantes para abordar o elemento mar nos seus dois documentários.

Em *Balaou*, o autor mostra o mar a partir da criação de um sentimento de familiaridade. Nas suas “Notas de intenções” (2007), pode ler-se: “Estou numa ilha, e a minha mãe é o mar.” Consta-se o foco na figura humana retratada, na confrontação pessoal de vida de cada indivíduo, «ou ainda no “lugar” a ser preenchido por ele.» (Rapazote, 2007: 129). Conforme demonstra a Figura 1, reconstrói-se a narrativa e intervém-se no espaço e no tempo para haver noção do que é representado. O mar, assim como os intervenientes, torna-se um elemento quase sempre presente, o qual estabelece continuidade na ação e redimensiona o lugar do próprio realizador. Em entrevista à revista *Rua de Baixo*, Gonçalo Tocha (2012) esclarece: “O mar fez a ligação entre a perda da minha mãe e a viagem com a simbologia da despedida. Nessa viagem o mar entendi-o como o rio Lethes, o rio do esquecimento. O Balaou é o grito.”

No que diz respeito aos aspetos técnicos, também em análise à Figura 1, verifica-se a predominância de utilização do plano sequência e do plano médio em detrimento do plano geral e do grande plano. Quanto à captação de imagem, a escolha incide sobre os ângulos frontal e a 3/4, com ponto de vista normal. O som e a luz natural, única fonte de iluminação usada, foram manipulados para provocar efeitos sonoros e visuais.

Em *É na terra não é na lua*, o autor procura equilibrar o lado estético e o lado argumentativo do seu retrato antropológico sobre o Corvo por estar “marcado pelas comunidades que se pretendem figurar. Do bairro à região ou mesmo ao país, neles não se ultrapassam as fronteiras, os olhares que (...) ponham em causa os códigos, as condutas ou as linguagens.” (Rapazote, 2007: 120). Gonçalo Tocha (2012) explica, em entrevista à revista digital brasileira *Cinética*, que “Aqui o barco-ilha não se mexe, mas o mar entra adentro e é o elemento que coloca a ilha num contexto geográfico extremo, totalmente exposto aos mandos da Natureza.” Neste filme, como se pode observar na Figura 1, o mar é elemento significativo, mas menos presente e, em algumas ocasiões, separador dos capítulos da

narrativa. Por sua vez, a participação dos intervenientes revela-se quase permanente, sobretudo em intersecção com o mar na dinâmica do quotidiano.

Em relação à parte técnica, confirma-se a prevalência do plano sequência, seguido do plano geral, do plano médio e do grande plano, igualmente verificável na Figura 1, assim como a captação de imagem se faz a partir dos ângulos frontal e a 3/4, com pontos de vista normal e picado. O som é gravado através de registo automático da realidade em curso.

Recorremos novamente à Figura 1 para sustentar que os únicos movimentos de câmara empregues em ambos os documentários são a panorâmica horizontal, à esquerda e à direita, com o propósito de conduzir a nossa atenção. O mesmo sucede com a presença física de Gonçalo Tocha, através do corpo e da voz, ser personagem e realizador, ao mesmo tempo, possibilitando “um maior à vontade nos sujeitos filmados” (Azevedo, 2012, p.51), assim como “colocá-lo (...) ao nível do espectador e, por isso, (ter) o efeito duplo de aproximá-los e distanciá-los.” (Idem: 52).

Na crónica de opinião “O Método Tocha, Opus 4”, publicada n’ *A Cuarta Parede*, revista digital galega, Paulo Cunha (2013) argumenta que “O estilo diarístico documenta as experiências sensoriais e afectivas sobre espaços e comunidades (e) mais do que a objectividade dos factos, Tocha dá-nos o olhar subjectivo de uma experiência pessoal e (in) transmissível.” Nos dois documentários, passados no Arquipélago dos Açores, as imagens e os sons encontram-se organizados em diários de viagens, reportando-nos para uma das referências cinéfilas de Gonçalo Tocha, *Diary*, de David Perlov, “um arquivo íntimo que é também a recriação cinematográfica de uma vida” (2012), comenta, em entrevista à revista *Visão*.

A estratégia patente nas escolhas temáticas e nas opções técnicas permite-nos confirmar a autoria da filmografia e a visão do realizador. Veja-se, também, o exemplo de *A Mãe e O Mar*, documentário realizado em 2013, sobre a comunidade piscatória feminina de Vila Chã, próximo de Vila

do Conde, para alguns o final de uma trilogia marítima. Destaque, igualmente, para a forma como se dinamiza e aproxima personagens e espectadores, tornando-os cúmplices num enredo e numa dinâmica de convívio e de partilha. É através da vivência do dia a dia nas duas ilhas do arquipélago açoriano que Gonçalo Tocha espelha a cadência e o ritmo do seu próprio método de trabalho, ganhando confiança e proximidade com aqueles que nos contam a sua realidade. Deste modo, contempla pausadamente a vida a decorrer, acontecimentos que se iniciam e concluem autonomamente, sem quase necessitar conduzir o processo de filmagem e de montagem, cristalizando um mundo eterno.

Da mesma maneira, interpretamos a respetiva componente cultural, garantia da identidade e da memória de um povo, enquanto traço comum e registo contra o esquecimento. Para nós, o realizador constrói cinematograficamente os seus filmes com olhar natural e realista, resultado de uma trajetória ensaística e experimental.

FILMES	BALAOU (2007) A	É NA TERRA NÃO É NA LUA (2011) B	OBSERVAÇÕES (A B)
CARACTERÍSTICAS			
Género	Documentário	Documentário	Equipa técnica A – Gonçalo Tocha B – Gonçalo Tocha   Dídio Pestana
Planos predominantes nas cenas de mar	Grande plano Plano médio Plano geral Plano sequência	Grande plano Plano médio Plano geral Plano sequência	A – Plano sequência   plano médio B – Plano sequência   plano geral
Ângulos mais frequentes nas cenas de mar	Ângulo frontal Ângulo a 3/4  Ponto de vista normal	Ângulo frontal Ângulo a 3/4  Ponto de vista normal Ponto de vista picado	A – Ângulo a 3/4 muito utilizado
Movimentos de câmara mais utilizados nas cenas de mar	Panorâmica horizontal à esquerda Panorâmica horizontal à direita	Panorâmica horizontal à esquerda Panorâmica horizontal à direita	B – <i>Zoom in</i> utilizado uma vez
Iluminação das cenas de mar	Luz natural	Luz natural	A – Efeitos visuais
Som das cenas de mar	Mar Vento Gaivotas Barco <i>BALAOU</i>	Mar Gaivotas Veículos Chuva Vento	A – Efeitos sonoros
Espaço e tempo das cenas de mar	Ilha de S. Miguel Cabo de S. Vicente  Verão 2005	Ilha do Corvo  2007   2008	A – Cenas de mar (dia)  B – Cenas de mar (dia   noite)
Elementos visuais e sonoros presentes nas cenas de mar	Pessoas   Rochas   Céu   Nuvens   Sol   Gaivotas   Barcos   Vegetação   Vozes   Banda sonora	Idênticos a "A"   Lua   Cais   Chuva   Animais   Casas   Aeroporto   Carros   Motas   Ilha das Flores	A – <i>Voice over</i> Gonçalo Tocha  B – <i>Voice over</i> Gonçalo Tocha   Dídio Pestana
Intervenientes	Gonçalo Tocha Familiares e amigos de Gonçalo Tocha	Gonçalo Tocha Dídio Pestana Corvinos	A – Tia Maria do Rosário Prima Ilda
Tema e narrativa	Viagem para fazer o luto da morte da mãe.	Retrato antropológico sobre a ilha do Corvo.	A – Ideia original B – Convite

Fig. 1 Análise Técnica e de Conteúdo

## Conclusão

Na revista *Cinética*, Gonçalo Tocha (2012) revela que “o Mar é o elemento fundamental da vida. Por isso as ilhas são os limites de conhecimento porque nos colocam no devido lugar. Antes de haver Terra, há Mar, e ao Mar retornaremos um dia.” No documentário *Balaou*, o autor procura libertar-se da morte de Blé, sua mãe, através do diálogo com a tia-avó Maria do Rosário (Filipe Gouveia), a prima Ilda (Maria Ilda Cardoso) e restante família materna residente na ilha de São Miguel, assim como pela confrontação física e psicológica com o mar na viagem de regresso a Lisboa, a bordo de *Balaou*, o veleiro do casal francês Florence (Beaufrère) e Beru (Hubert Gidon) que todos os anos atravessa o oceano Atlântico. Em *É na terra não é na lua*, o seu segundo documentário filmado no Arquipélago dos Açores, o realizador torna-se parte da realidade como sujeito de relação íntima com o espaço e os habitantes da ilha do Corvo, encontrando no mar um lugar de pertença.

Os resultados da nossa investigação parecem confirmar que o elemento mar é apresentado em *Balaou* e *É na terra não é na lua* através de um estilo próprio e individual, sustentado no ponto de vista e na criatividade, o qual constrói a homogeneidade e a unidade do método de trabalho do autor. Estes documentários contêm duas características comuns, “a função de arquivo e construção de memória sobre um lugar, e a visão subjectiva, a história pessoal.” (Azevedo, 2013: 50). Podemos, assim, inferir que o realizador recorre a procedimentos específicos, técnicos e de conteúdo, que garantem a autenticidade do seu processo de criação e do respetivo universo cinematográfico, o qual interroga a vida e a condição humana.

Os planos utilizados (plano sequência, plano geral, plano médio e grande plano) para retratar o mar representam um mergulho profundo que multiplica o original através de significados e de elementos significantes. O

mar materializa-se a partir de uma abordagem, exposta através de olhares, que gera interdependência entre signo, ator social e realizador.

Luís Nogueira afirma que “O drama psicológico coloca, frequentemente, o indivíduo em confronto consigo mesmo, com os seus medos ou incertezas, com a sua insegurança ou as suas convicções, espelhadas frequentemente por aqueles que o rodeiam, como se de uma jornada de reconhecimento íntimo se tratasse.” (2010: 24)

Deste modo, a imagética do mar, ao proporcionar identificação e perceção de diferentes realidades quotidianas, permite compreender o sujeito no seu contexto de vida. É origina atividade introspetiva, pois, sem querer obter respostas, suscita e alimenta reflexões existenciais.

Em termos gerais, concluímos que o mar é personagem evidente e essencial na filmografia de Gonçalo Tocha, mas não o seu elemento central. Deste modo, partilhamos a opinião de Robert Koehler (2012), publicada na revista digital norte-americana “Cinemascope”.

Qualquer que seja a leitura que se possa fazer sobre a obra de Gonçalo Tocha, a sua ligação física com o mar é intensa, tal como primeiramente visto no seu surpreendente documentário *Balaou*, e esta estreia da sua odisseia oceânica leva-nos logicamente a uma atracagem na remota ilha do corvo, nos Açores, o ponto mais ocidental da Europa em *É na Terra Não É na Lua*.

Entendemos pertinente continuar a investigar a obra de Gonçalo Tocha e de outros jovens realizadores portugueses, bem como tentar compreender que papéis representam na história do cinema contemporâneo português e, especificamente, no período pós 25 de Abril de 1974. E concordamos com a ideia de que “A análise de filmes não é apenas uma actividade a partir da qual é possível ver mais e melhor o cinema, pela análise também se pode aprender a fazer cinema.” (Penafria, 2009: 9).

### **Agradecimentos**

Este texto foi reescrito a partir de um trabalho realizado durante o primeiro ano do Curso Higher National Diploma em Cinema e Televisão da Escola de Tecnologias, Inovação e Criação (ETIC).

A respetiva unidade curricular, *Técnica de Pesquisas para a Produção de Média Criativos*, foi lecionada pela Professora Doutora Patrícia Fidalgo, a quem agradeço e dedico os referidos artigos científicos. O resultado final de ambos deve-se à sua incansável disponibilidade, ao seu permanente acompanhamento e à sua dedicação, assim como à sua excelência profissional.

### **Referências bibliográficas**

- AUMONT, J., & Marie, M. (2009). *A Análise do Filme*, Lisboa: Texto & Grafia.
- AZEVEDO, A.L. (2013). *Documentário contemporâneo: a tentativa de testemunho da autenticidade por meio da subjetividade e da performatividade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- BECK, G. (Junho de 2012). *Vamos filmar tudo*, in Revista Cinética:  
<http://www.revistacinetica.com.br/entrevistatocha.html>.
- CARVALHO, A. M. (17 de Abril de 2012). *5 filmes da vida do realizador Gonçalo*  
*TOCHA*, G. in Revista Visão: <http://visao.sapo.pt/5-filmes-da-vida-do-realizador-goncalo-tocha=f659278>.
- CUNHA, P. (8 de Agosto de 2013). *O método Tocha, OPUS 4* in A Quarta Parede: <http://www.acuartaparede.com/wp-content/uploads/2013/08/Critica-AM%C3%A3e-e-o-Marportugu%C3%A9s.pdf>.
- DUARTE, A. (Julho de 2012), *Gonçalo tocha, o poeta errante das imagens* in Rua de Baixo: <http://www.ruadebaixo.com/goncalo-tocha.html>.

- HO, A. (30 de Outubro de 2011), *Gonçalo Tocha: "Nunca quis ser neutro e distante"*, in Sol: <http://www.sol.pt/noticia/32456>.
- KOEHLER, R. (2012), *It's the Earth Not the Moon (Gonçalo Tocha, Portugal)*, in Cinema Scope: <http://cinema-scope.com/spotlight/spotlight-its-the-earth-not-the-moon-goncalo-tocha-portugal/>
- NOGUEIRA, L. (2010), *Géneros Cinematográficos*, Covilhã: LabCom Books.
- PENAFRIA, M. (1998). *Unidade e diversidade do filme documentário*.  
in Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação:  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-doc.pdf>
- PENAFRIA, M. (1999), *Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo*, in Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação:  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>
- \_\_\_\_ (Abril de 2009), *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*,  
in Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação:  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.
- QUIVY, R., & CAMPENHOUDT, L. V. (2008), *Manual de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- RAPAZOTE, J.A. (2007), *Territórios Contemporâneos do Documentário: O Cinema Documental em Portugal de 1996 à Actualidade*,  
Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,  
Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- TOCHA, G. (2007). *Notas de intenções | Gonçalo Tocha*, in Doc's Kingdom:  
<http://www.docskingdom.org/pt/arquivo/textos%20de%20apoio/2007gtocha1.html>.

**Filmografia**

*A mãe e o mar* (2013), de Gonçalo Tocha.

*Balaou* (2007) de Gonçalo Tocha.

*É na terra não é na lua* (2011), de Gonçalo Tocha.